

TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PARTICULAR DURANTE A VIRTUALIZAÇÃO DO ENSINO NA PANDEMIA DA COVID-19

Teaching work in private higher education during the virtualization of education in the Covid-19 Pandemic

DIAS, Livia Morel¹

MATOS, Tereza Glauca Rocha²

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre trabalho docente em instituições particulares de ensino superior durante a virtualização do ensino na pandemia da COVID-19. Buscou-se analisar possíveis relatos de vivências de cansaço na dinâmica relacional com o trabalho. Tratou-se de um estudo qualitativo, de natureza exploratória, em que participaram oito professores de ensino superior de três instituições particulares da cidade de Fortaleza/CE. Foi realizada uma entrevista com roteiro semiestruturado, para posterior realização de uma análise de conteúdo segundo Bardin. Os resultados demonstram, com a virtualização do ensino, muitas dificuldades foram vivenciadas, tais como estreitamento entre trabalho e vida familiar, uso de novas tecnologias no trabalho, relação com os alunos, sobrecarga de trabalho e acúmulo de atribuições.

Palavras-chave: Trabalho docente. COVID-19. Virtualização do ensino.

ABSTRACT

This is a study about teaching work in private higher education institutions during the virtualization of education in the COVID-19 pandemic. The aim was to analyze potential reports of experiences of fatigue in the relational dynamics with work. It was a qualitative, exploratory study involving eight higher education professors from three private institutions in the city of Fortaleza, Brazil. A semi-structured interview was conducted, followed by content analysis according to Bardin's methodology. The results demonstrate that with the virtualization of education, many difficulties were experienced, such as the blurring of boundaries between work and family life, the use of new technologies in work, the relationship with students, work overload, and the accumulation of tasks.

Keywords: Teaching work. COVID-19. Virtualization of teaching.

INTRODUÇÃO

A pandemia gerou um impacto que repercutiu em todas as dimensões do sistema educacional, desde o ensino infantil até o superior. Dentro desse contexto de transformações, esta pesquisa direcionou-se para uma investigação mais profunda das nuances inerentes ao trabalho docente no âmbito do ensino superior privado

1 Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Psicóloga clínica. Email: liviamorelpsi@gmail.com

2 Doutora em Psicologia pela Universidade de Barcelona. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Email: terezamatos@unifor.br

durante o período de virtualização das práticas educativas. Observa-se que muitas das instituições de ensino privado atuam no mercado como empresas que visam redução de custos e majoração de lucros, ainda que não possuam o formato jurídico de uma sociedade empresária. Isso pode acarretar constantes pressões por produtividade, valor salarial baixo, ausência de maior suporte diante de litígios com alunos, dentre outras problemáticas. Além disso, uma vez que o salário do professor de instituições privadas é calculado com base na sua hora/aula, para que possa receber uma remuneração digna, o docente depende de manter alta carga horária em sala de aula, com muitas turmas lotadas, não sendo, em regra, as atividades de pesquisa e extensão remuneradas.

Essa direção de pesquisa foi influenciada por estudos prévios, como o de Facci *et al.* (2018), que já havia identificado um processo de precarização no ensino superior privado, mesmo antes da pandemia. Esse processo engloba uma carga excessiva de tarefas laborais, a necessidade constante de atualização profissional, pressões por desempenho, sentimento de desvalorização social, desafios interpessoais com alunos e coordenação, limitações na autonomia para lecionar o conteúdo das disciplinas, inseguranças quanto à continuidade do emprego e à definição da carga horária semestral, além de questões de saúde associadas à ocupação.

Antes da pandemia da COVID-19, estudos como os de Barsotti (2011) e Locatelli (2017) apontavam a presença de cansaço por parte dos professores em razão da sobrecarga de trabalho. A virtualização do ensino pode ter causado uma sensação de disponibilidade irrestrita ao trabalho, de maneira que as vivências de cansaço podem ter sido intensificadas, diante dessa nova configuração do trabalho docente, composta por novas metas, tais como gravações das aulas remotas, sua disponibilização nas plataformas digitais, maior uso do sistema de educação virtual da Instituição de Ensino Superior (IES), gerenciamento de grupos virtuais de interação com alunos e coordenação por meio de aplicativos de comunicação, como o *WhatsApp*. Tem sido apontada a presença de vivências de esgotamento, sobrecarga de trabalho, desgaste emocional e adoecimento na virtualização do ensino (FIOR e MARTINS, 2020; SANTOS *et al.*, 2021).

Ademais, as IES tiveram que adotar o regime de teletrabalho em caráter emergencial, fazendo com que o domicílio dos docentes fosse seu único local de trabalho, configurando um trabalho em *home office*. Tal mudança provocou um estreitamento entre vida familiar e trabalho, evidenciando uma intensificação da exaustão provocada pelo acúmulo de papéis nas esferas profissional e pessoal, especialmente às mulheres, já que historicamente cabe a elas, em maior parte, os cuidados domésticos. Além de ter afetado as relações no âmbito do trabalho, com a gestão e os discentes, diante da falta da presença física. As câmeras fechadas e a pouca interação dos alunos durante as aulas remotas pode ter afetado o bem-estar desses profissionais e intensificado as vivências de cansaço (LEMOS *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2020).

Dessa conjuntura, surgiu a inquietação de realizar esta pesquisa buscando investigar o trabalho docente no ensino superior particular durante a virtualização do ensino na pandemia da covid-19, bem como analisar possíveis relatos de vivências de cansaço na dinâmica relacional com o trabalho.

Pandemia da COVID-19 e a virtualização do ensino

Com a descoberta de um novo vírus na cidade chinesa de Wuhan no final de 2019, que rapidamente se espalhou para outros continentes, ocorreu um alerta sanitário global. A pandemia da COVID-19 alcançou números preocupantes no Brasil a partir

de março de 2020, repercutindo em medidas de prevenção ao vírus, como uso de máscaras, higienização das mãos com água e sabão ou álcool e distanciamento social (CHARCZUK, 2021).

No âmbito da educação, tornou-se necessária a suspensão das atividades presenciais, uma vez que configuravam locais de aglomeração e, portanto, de fácil transmissibilidade do vírus. Houve a adoção das aulas remotas, uma modalidade que difere da educação à distância (EaD), uma vez que propõe a transmissão em tempo real das aulas em um ambiente virtual, com dias e horários determinados para as atividades pedagógicas, com a particularidade de que cada um acessa as aulas de uma localidade distinta a partir de uma plataforma virtual (GUSSO *et al.*, 2020).

Ainda que a modalidade EaD já existisse antes do contexto pandêmico, faz-se necessário esclarecer que essa proposta difere do ensino remoto, pois não objetiva a transmissão em tempo real das aulas, ademais, possui características próprias, tais como videoaulas previamente gravadas, tutores e horários flexíveis de estudo e de acesso ao material disponível na plataforma digital. O que ocorreu foi que as turmas presenciais necessitaram em caráter de urgência migrar para a modalidade virtual, ou seja, o plano pedagógico de tais disciplinas, sejam elas teóricas ou práticas, foi pensado para ocorrer presencialmente, porém, com a pandemia, tornaram-se necessárias adaptações virtuais de ensino, que culminaram em modificações significativas no trabalho docente (GUSSO *et al.*, 2020).

Devido ao caráter de urgência da medida, a implementação do ensino remoto ocorreu dentro de um contexto de limitação de tempo para planejamento, treinamento e suporte técnico adequados, o que pode ter comprometido não só a experiência de aprendizagem por parte dos alunos, mas a vivência de trabalho por parte dos professores (CHARCZUK, 2021).

O planejamento da virtualização das aulas por parte das IES deve ser encarado como um elemento essencial para dar boas condições de trabalho aos docentes nesse novo cenário, uma vez que cabe a essas organizações o gerenciamento dessa adversidade, bem como a viabilidade de um ensino de qualidade para seus alunos (SILVEIRA *et al.*, 2020).

Coube aos gestores educacionais a elaboração e a implementação de diretrizes que regem o ensino nesse momento atípico que requer tantas adequações. Tornou-se imprescindível levar em consideração as condições de trabalho dos docentes nesse novo cenário, em especial no que diz respeito à carga de trabalho e à saúde (GUSSO *et al.*, 2020).

Surgem desafios na docência perante a necessidade de virtualizar o ensino. Alguns estudos já vêm apontando como consequência um maior desgaste emocional, sobrecarga laboral, adoecimento e esgotamento por parte dos professores (FIOR e MARTINS, 2020; GUSSO *et al.*, 2020; JACKSON e ALGRANTI, 2020; LEMOS *et al.*, 2021; SILVEIRA *et al.*, 2020).

Além dessa conjuntura, existe uma nuance relevante a ser levada em consideração, que diz respeito ao uso de tecnologia no trabalho. Isso porque os profissionais tiveram que se adequar, rapidamente, ao uso de plataformas virtuais para a realização das aulas remotas. Esse novo formato afetou a relação com os alunos, uma vez que não há mais a presença física deles e muitos não interagem e sequer ligam suas câmeras, fazendo com que o professor se relacione tão somente com a tela do computador e isso pode trazer uma repercussão na saúde desses profissionais,

afetando seu bem-estar mental e físico, intensificando seu cansaço e provocando a sensação de esgotamento (SILVA *et al.*, 2020).

Ainda que alguns desses profissionais estejam retornando ao ensino presencial, as aulas virtuais ainda são uma realidade, já que algumas IES vêm adotando tanto o sistema remoto como o híbrido, sendo este último, aquele que se utiliza tanto da modalidade presencial quanto da remota (JACKSON e ALGRANTI, 2020).

A adoção do *home office* na docência

No início da pandemia, a virtualização do ensino ocorreu em razão da necessidade emergencial de adoção de medidas preventivas à COVID-19. Com o avanço da vacinação, algumas IES voltaram a ofertar turmas presenciais, mas as aulas remotas continuam sendo uma realidade, fazendo com que o lar seja cada vez mais um lugar onde as atividades docentes são exercidas (FIOR e MARTINS, 2020; JACKSON e ALGRANTI, 2020; SOUZA *et al.*, 2021).

A virtualização do ensino devido à COVID-19 acarretou a adoção do teletrabalho, sendo o domicílio do professor um novo local de trabalho, configurando, assim um trabalho em *home office*. Essa nova realidade exigiu adaptações para a realização das atividades laborais no meio familiar. Isso porque o trabalho em casa passou a desafiar o gerenciamento do tempo desses profissionais, que pelo volume de atividades laborais e pelo ambiente de trabalho se confundir com o doméstico, passou a haver uma dificuldade em conciliar o exercício da docência e a vida privada, favorecendo a invasão do tempo de trabalho nos outros tempos, como descanso e família (ADERALDO *et al.*, 2017; FIOR e MARTINS, 2020).

A adoção do *home office* enquanto novo ambiente de trabalho trouxe estreitamento entre trabalho e a vida familiar, em particular às mulheres, uma vez que, historicamente, cabe a elas, em maior parte, o cuidado com a casa e os filhos. Dessa forma, o contexto pandêmico evidencia uma conjuntura favorável à intensificação da exaustão provocada pelo acúmulo de papéis nas esferas profissionais e pessoais para a mulher, propiciando exaustão e invasão do tempo de trabalho no de não-trabalho (LEMOS *et al.*, 2020; MARTINS *et al.*, 2020).

Outro ponto relevante diz respeito à sobrecarga de trabalho e o conseqüente esgotamento mental e emocional proveniente da virtualização do ensino. Antes da COVID-19, o exercício da docência já era apontado como um trabalho que poderia envolver uma intensa dedicação por parte dos profissionais e, assim, percebe-se que, com a pandemia, as dificuldades já vivenciadas na prática docente podem ter sido intensificadas, contribuindo para vivências de cansaço intenso (CARLOTTO, 2014; CHARCZUK, 2021; SANTOS *et al.*, 2021).

A nova estruturação do trabalho docente pode ter aprofundado a intensificação da jornada de trabalho, uma vez que foram impostas novas metas laborais, tais quais gravação das aulas remotas, disponibilização destas em plataformas digitais, intensificação do uso do sistema interno da IES de educação virtual, gerenciamento de grupos virtuais de interação com alunos e coordenação por meio de aplicativos de comunicação, como o *WhatsApp*. Esse novo cenário pode estar causando uma sensação de disponibilidade irrestrita ao trabalho (SANTOS *et al.*, 2021; SOUZA *et al.*, 2021).

Estudos anteriores apontaram que docentes apresentam duas vezes mais probabilidade de desenvolverem estresse, depressão e ansiedade quando comparados a outras

profissões (SILVA e OLIVEIRA, 2019). Ademais, no Brasil, essa categoria profissional ocupa o segundo lugar no *ranking* de doenças ocupacionais (BAPTISTA *et al.*, 2019).

Estudos realizados no Reino Unido e nos Estados Unidos apontaram que docentes, diante das dificuldades enfrentadas ao longo do exercício profissional na pandemia, relataram sofrimento significativo diante do acúmulo de tarefas não cumpridas em razão da sobrecarga laboral (GOMES *et al.*, 2021).

Este acúmulo de atribuições pode ser uma possível consequência da dinâmica laboral imposta pelas organizações, diante da virtualização do ensino, podendo ser identificada a presença do cansaço, relacionado ao imperativo do desempenho, à ausência de interrupções do tempo e a sua aceleração (FELTRIN e BATISTA, 2020; HAN, 2017).

MÉTODO

Tratou-se de um estudo qualitativo, uma vez que buscou compreender o fenômeno estudado a partir da perspectiva dos participantes, aprofundando suas experiências e opiniões. Sua natureza foi exploratória, pois objetivou maior familiaridade com o tema explorado, bem como descritiva no sentido de descrever as características do fenômeno estudado.

Participaram do estudo oito professores de ensino superior de três instituições particulares da cidade de Fortaleza/CE, de seis cursos de Graduação distintos (Administração, Comércio Exterior, Direito, Nutrição, Psicologia e Publicidade), com idade entre 27 e 50 anos, tendo entre quatro a 10 anos de atuação docente.

Os critérios de inclusão foram que os participantes atuassem no âmbito da Graduação, em instituições de ensino superior particulares e tivessem experienciado as modalidades remota e híbrida de ensino durante a pandemia. Foram excluídos desta pesquisa professores de instituições públicas, assim como aqueles que atuassem no âmbito da Pós-graduação e que não vivenciaram a virtualização do ensino, em razão de afastamento, uma vez que a pesquisa objetivou investigar apenas professores de ensino superior particular.

A partir da técnica de bola de neve, os participantes tiveram livre escolha para a contribuição na pesquisa, bem como puderam indicar outros possíveis interessados. Não houve a vinculação da realização da pesquisa a um local e/ou instituição específica.

A coleta de dados ocorreu em dezembro de 2021 e janeiro de 2022. O período estudado correspondeu a experiência docente dos entrevistados antes da pandemia, bem como durante o período em que a virtualização do ensino foi implementada devido à COVID-19. Todos os participantes consentiram para que houvesse gravação de voz da entrevista, para posterior transcrição e análise de conteúdo. Esta pesquisa foi realizada submetida e aprovada pelo Comitê de Ética sob parecer número 5.117.397, sendo desenvolvida em concordância com os padrões éticos, respeitando as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamentam pesquisas que envolvem seres humanos e com o devido consentimento livre e esclarecido dos participantes. A participação foi voluntária e o sigilo da identidade dos entrevistados e o seu direito de desistir a qualquer tempo da pesquisa foram respeitados.

A análise de conteúdo das entrevistas foi realizada conforme a proposta de Bardin (2016), uma vez que esta abordagem metodológica possibilita uma exploração profunda do objeto de estudo, pela exploração, compreensão e interpretação dos dados obtidos,

e ocorreu a partir de: 1) leituras flutuantes de todo o material, para que fosse possível organizar os aspectos mais relevantes, 2) seleção de unidades de análise, levando em consideração os objetivos da pesquisa, 3) classificação mediante um processo de categorização, a partir dos dados obtidos, que constituíram uma síntese dos aspectos mais relevantes da comunicação dos participantes (CAMPOS, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização de leituras flutuantes de todo o material coletado nas entrevistas, foi possível identificar unidades de análise, tendo como base os objetivos da presente pesquisa, para que, posteriormente, fossem classificadas nas seguintes categorias: 1) *Repercussão da pandemia no ensino e na vida dos professores*, 2) Mudanças no trabalho docente com o *home office*, 3) Desafios da docência com a virtualização do ensino.

Repercussão da pandemia no ensino e na vida dos professores

Esta categoria trata da suspensão das atividades presenciais nas IES. Nela são percebidos aspectos referentes ao medo da contaminação, às incertezas diante da pandemia e à suspensão das atividades presenciais.

Eu demorei para acreditar. Acho que entrei em um estado de choque, de negação. Jamais pensei viver algo do tipo na minha vida. Não demorou muito até eu sentir uma espécie de pavor. Essa pandemia mexeu demais comigo. Me afetou de um jeito que não tinha certeza se eu ia conseguir sobreviver para superar. Sentia constantemente um medo de adoecer, de morrer e isso repercutiu negativamente também no trabalho. (Participante 1)

Eu achei tudo muito exagerado no começo. Eu nunca tive medo da COVID-19 até eu adoecer e passar um perrengue danado. Várias pessoas próximas adoecendo, algumas infelizmente faleceram e eu lá tendo que seguir com a vida. Depois que eu me recuperei, eu foquei em trabalhar e tentar ficar bem, na medida do possível. Sentí muito receio da situação econômica também e de ter uma repercussão ruim no trabalho e eu ficar sem nada. (Participante 7)

A pandemia da COVID-19 foi um evento inesperado e complexo que exigiu medidas de prevenção ao vírus diante da gravidade dessa situação global. Os docentes foram impactados pela doença, não só no âmbito profissional, mas também na esfera pessoal (CHARCZUK, 2021). Os relatos dos participantes 1e 7 demonstram o impacto da chegada do coronavírus nas vidas desses professores e os receios sentidos quanto às incertezas sobre o futuro nos âmbitos pessoal e profissional.

Sinceramente achei ótima a virtualização, mas só no começo. Naquele momento não me dava conta das reais consequências para o meu emocional. Eu senti que precisava de um descanso e achava que o virtual seria bem mais fácil, porque trabalharia em casa, então poderia ser menos estressante. Claro que me enganei profundamente. Nunca vivi um momento mais difícil em toda a minha carreira. (Participante 5)

Quando eu descobri que tudo seria virtual, senti um desconforto. Eu pensei em desistir, entregar as disciplinas. Eu entrei em pânico. Não queria ficar presa em casa. Me senti ainda mais cansada, ainda mais estressada, ainda mais insegura com tudo: pandemia, saúde, financeiro. Foram os dias mais difíceis de toda a pandemia. Nunca senti um mal-estar tão intenso! (Participante 6).

A suspensão das atividades presenciais no âmbito da educação, como medida preventiva à contaminação, desencadeou na adoção de aulas remotas em turmas planejadas para ocorrerem na modalidade presencial. Foram necessárias adaptações

significativas por parte dos professores em pouco tempo (GUSSO *et al.*, 2020). A fala dos participantes 5 e 6 tratam sua vivência dos momentos iniciais da pandemia durante o primeiro semestre de 2020. É possível identificar as experiências particulares de cada professor durante esse período tão único e o sofrimento causado pela pandemia no que diz respeito à vivência de trabalho, diante de modificações tão significativas.

Mudanças no trabalho docente com o *home office*

Esta categoria trata das particularidades vivenciadas pelos participantes durante a virtualização do ensino. Nela são percebidos aspectos referentes ao planejamento da virtualização do ensino pela IES e adaptação gradual a uma nova sistemática de trabalho.

Lembro que ali, no começo de tudo, trabalhar só de casa parecia uma loucura. Eu sei que professor sempre leva trabalho para casa, mas antes se tinha uma estrutura, que era muito organizadora em termos de rotina. Eu ia para a instituição, dava as minhas aulas e tinha minhas reuniões, a pausa na sala dos professores. Do nada perdemos toda uma rotina normal de trabalho! Eu senti uma insegurança muito grande em como as coisas iriam ser no *online*. (Participante 6)

Sei que foi o certo fechar a faculdade e todo mundo se trancar em casa. Acho que a gestão falhou em nos orientar melhor. Eles focaram muito no aluno, nos clientes. Eu fiquei muito perdido, sem muita orientação. Foi uma mudança abrupta e acho que deveria ter tido mais amparo, apoio. Senti falta de a coordenação chegar junto e nos oferecer algum tipo de suporte. (Participante 2)

Houve uma limitação significativa de tempo para a implementação do ensino remoto nas IES particulares, prejudicando o planejamento, treinamento e suporte técnico necessários. Houve uma repercussão na vivência de trabalho dos docentes, já que o processo de virtualização do ensino impacta diretamente nas condições de trabalho desses profissionais (GUSSO *et al.*, 2020; SILVEIRA *et al.*, 2020). O relato dos participantes 6 e 2 revelam uma sensação de desamparo e insegurança diante dessa mudança no trabalho. É perceptível que a sensação de vulnerabilidade diante das incertezas da pandemia também ressoou na relação desses professores com a docência.

Eu tenho um espaço de trabalho em casa, mas foi cedido para a criançada ter mais concentração nas aulas *online* deles. Minha esposa ficou com a mesa da sala porque ela precisa de muito espaço para fazer o trabalho dela que também ficou 100% *online*. Sobrou para mim uma improvisação de espaço bem meia boca no quarto. Dava aula em uma mesa de plástico, sentado em um banquinho, com uma câmera péssima. Tadinha da minha coluna! (Participante 4)

Minha varanda era meu novo local de trabalho, bem do lado do ralinho onde minhas cachorrinhas fazem xixi. A depender do ângulo da câmera, minhas peludinhas apareciam no vídeo e era uma festa até elas fazerem xixi para todo mundo ver e daí era só constrangedor. Queria muito ter tido um acréscimo salarial para conseguir comprar um computador melhor e uma *webcam* de qualidade, mas tive que me virar. (Participante 8)

Houve uma adaptação gradual dos professores a nova sistemática de trabalho com a implementação da virtualização do ensino (FIOR e MARTINS, 2020; JACKSON e ALGRANTI, 2020). Os participantes 4 e 8 não tinham um ambiente de trabalho apropriado para a virtualização do ensino e tiveram que fazer diversas adaptações em suas casas para realizar as atividades de trabalho. Assim como, relatam não terem equipamentos apropriados para ministrar aulas remotas, uma vez que a velocidade do computador e a qualidade da imagem em vídeo eram insatisfatórias. relatam que não tiveram, mas gostariam de ter tido uma ajuda de custo por parte da

IES para adequar em seus domicílios um ambiente de trabalho que proporcionasse uma melhor estrutura para exercer a docência nesse novo formato.

Desafios da docência com a virtualização do ensino

Esta categoria trata das dificuldades vivenciadas pelos participantes durante esse período. Nela são percebidos aspectos referentes ao estreitamento entre trabalho e vida familiar, uso de novas tecnologias no trabalho, relação com os alunos, sobrecarga de trabalho e acúmulo de atribuições.

Eu sentia que não parava. Eu acordava, cuidava da casa, ia trabalhar, quando não estava trabalhando, estava na louça, na faxina, com as crianças. Era uma rotina muito pesada. Meu esposo ajudava, mas não era a mesma coisa, ele não sabia onde as coisas ficavam na casa, não sabia fazer uma faxina, então ele fazia e eu ia lá e fazia de novo porque era de qualquer jeito. A gente brigava muito por causa disso, eu por estar exausta e ele por se sentir cobrado. Sinceramente, me poupe! (Participante 3)

Não sei se o pior era o cansaço com o trabalho ou com as coisas da casa. Estar em casa fez com que tudo de casa triplicasse: a louça, o lixo, a sujeira. Toda hora tinha coisa da casa e do trabalho para fazer, a pilha do trabalho se acumulando. Foi um inferno! Meus filhos também não ajudam, eles bagunçavam, tudo e não me ajudavam em nada. Era eu sozinha pra dar conta do caos de dois adolescentes. (Participante 5)

Houve uma acentuação do estreitamento entre trabalho e vida familiar com a virtualização do ensino já existente antes da pandemia. Esse fenômeno atingiu especialmente as mulheres, cujo cuidado da casa historicamente cabe em maior parte a elas (LEMOS *et al.*, 2021). O relato das participantes 3 e 5 retrata vivências de uma intensificação da sobrecarga tanto de trabalho doméstico quanto de trabalho docente. É possível identificar que essa realidade provocou desgaste emocional, a partir do relato de brigas em razão de uma divisão de tarefas domésticas desigual e da sensação de ter que dar conta sozinhas de toda a casa.

Eu senti muita dificuldade em aprender a manusear o sistema virtual. De repente eu tinha que ter conhecimento sobre essas coisas tecnológicas que eu nunca gostei nem me identifiquei. Ainda bem que eu pude contar com uns tutoriais de um colega mais novo. A gente sabe que os jovens já nascem sabendo mexer nessas plataformas digitais, eu sempre tive muita dificuldade. Com paciência fui aprendendo, tenho um caderninho de dicas de como lidar com esse mundo virtual. (Participante 5)

Eu sei que não dá para fugir da tecnologia, mas eu confesso que nunca gostei desse fenômeno da virtualidade. Eu sou muito conservadora nesse aspecto. Acho que ensino tem que ser presencial, olho no olho. Para mim foi muito difícil de um dia para o outro me ver dependente de uma plataforma virtual para fazer um trabalho que fazia há anos presencialmente. Antes era só entrar na sala de aula e fazer a minha parte, depois da COVID-19 eu precisei me virar e tentar lembrar de gravar, disponibilizar a gravação etc. (Participante 8)

A virtualização do ensino fez com que o trabalho docente fosse mediado por tecnologias, tais como plataformas de videochamada, para a realização das aulas remotas (SILVA *et al.*, 2020). Os participantes 5 e 8 relataram desafios no manuseio das plataformas digitais, seja por dificuldade em aprender a utilizar esses espaços virtuais, ou por descontentamento quanto a nova realidade de trabalho, uma vez que se identificam mais com o formato presencial de aulas.

Tem a questão das câmeras desligadas, não é? Pense numa coisa esquisita, você está dando aula sem ter um contato visual, sem ter um *feedback*. A ausência de interação nas aulas, aquele silêncio me chocou profundamente no início. Eu comecei a sentir

uma ansiedade muito grande durante as aulas, é como se fosse uma vontade de só me desconectar de tão desconfortável que era estar ali. O cansaço batia ainda mais pesado, acho por conta da solidão. Precisei trabalhar isso em mim, não é? Com o tempo fui percebendo que não era fácil para mim estar sendo gravado, então comecei a entender o lado dos alunos. Alguns era desinteresse, mas certamente tinha gente tão desconfortável quanto eu em ter a imagem gravada. (Participante 4)

Senti falta de construir laços com meus alunos. O virtual criou um distanciamento, um abismo, não consegui vincular com ninguém. Para mim sempre foi muito importante a relação com os alunos, essa é a melhor parte do trabalho. Ainda que eu tenha conhecido alunos maravilhosos com o virtual, não foi a mesma coisa. Sinto que no período *online* perdi aquilo que era mais precioso no trabalho: uma relação próxima com os alunos. Essa parte foi a mais difícil do trabalho, eu dou aulas por conta da relação com os alunos, é isso que me motiva. Não ter interações, construir boas relações com os alunos me fez sentir um cansaço que nunca havia sentido antes. (Participante 6)

A ausência da presencialidade pode afetar a relação com os alunos, que muitas vezes assistem às aulas com câmera desligada e pouca interação (SILVA *et al.*, 2020). Os participantes 4 e 6 relevam dificuldades em lidar com a ausência física dos alunos e com as câmeras desligadas, afetando seu bem-estar. Pode ser observado ainda nos três relatos uma queixa de intensificação de cansaço nesse contexto, repercutindo na saúde dos profissionais que relataram de maneira emotiva vivências de sofrimento.

Eu não parava de trabalhar naquela época. Eu sonhava com o trabalho, tinha pesadelos terríveis! O grande vilão foi o *WhatsApp*. Você não sabe quantas mensagens eu recebia por dia. Era aluno me procurando de domingo a domingo, me ligando tarde da noite. Eu me sentia engolido pelo trabalho. Eu mudava o toque das mensagens porque se tornou insuportável ouvir o barulho das notificações. (Participante 1)

Tudo que eu mais queria era desinstalar o *WhatsApp*. Eu jamais pensei que ele fosse me adoecer tanto. Eu não parava de receber mensagens, era o tempo todo. Os alunos me ligavam, teve um que me ligou no sábado à noite pra tirar dúvida de aula, outro para saber a nota. Era assustador! A sensação era de que eu trabalhava o tempo todo sem parar, eu era demandado e haja mensagem nesse *WhatsApp*. Teve um dia que eu estava no limite, que joguei meu celular na parede. Eu fico até assim de te dizer isso, espero que não pense que eu sou uma pessoa violenta, sem controle, mas é que eu estava no meu limite. (Participante 7)

Vivências de sobrecarga por parte dos docentes durante o período de virtualização do ensino foram identificadas nos estudos de Santos *et al.* (2021) e Souza *et al.* (2021). A fala dos participantes 1 e 7 tratam da sobrecarga de trabalho e acúmulo de atribuições durante esse período. Eles relataram uma sensação de disposição irrestrita ao trabalho a partir da fala acerca do uso do *WhatsApp*, retratando a sensação de invasão do tempo de trabalho nos demais tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 impactou a vida dos docentes, tanto no âmbito profissional como pessoal. Com a virtualização do ensino, foram necessárias adaptações significativas por parte dos professores em pouco tempo. Houve relatos de desamparo e insegurança diante dessa mudança significativa. Alguns não tinham um ambiente de trabalho apropriado para exercerem sua atividade laboral integralmente em suas casas, tais como equipamentos apropriados para ministrar aulas remotas, uma vez que a velocidade do computador e a qualidade da imagem em vídeo eram insatisfatórias. Não tiveram, mas gostariam de ter tido uma ajuda de custo por parte

da IES para adequar em seus domicílios um ambiente de trabalho que proporcionasse uma melhor estrutura para exercer a docência nesse novo formato.

Com a adoção das aulas remotas houve uma acentuação do estreitamento entre trabalho e vida familiar com a virtualização do ensino já existente antes da pandemia. Identificou-se desgaste emocional em algumas participantes mulheres, a partir do relato de brigas em razão de uma divisão de tarefas domésticas desigual e da sensação de ter que dar conta sozinhas de toda a casa.

Além dos desafios no manuseio das plataformas digitais, a ausência da presencialidade afetou a relação com os alunos, que muitas vezes assistem às aulas com câmera desligada e com pouco interação, provocando intensificação de cansaço.

Vivências de sobrecarga por parte dos docentes durante o período de virtualização do ensino foram identificadas, a partir de relatos acerca da sensação de disposição irrestrita ao trabalho a partir da fala acerca do uso do *WhatsApp*.

A suspensão das atividades presenciais nas IES permeou o medo da contaminação e dificuldades em lidar com as incertezas diante da pandemia. Com a virtualização do ensino, muitas dificuldades foram vivenciadas, tais como estreitamento entre trabalho e vida familiar, uso de novas tecnologias no trabalho, relação com os alunos, sobrecarga de trabalho e acúmulo de atribuições.

Espera-se que a pesquisa tenha propiciado avanço no estudo da presente temática. Ressalta-se que, ao longo de sua elaboração, foi fortalecido o reconhecimento da relevância social do trabalho docente, razão pela qual é de suma importância futuras pesquisas que versem acerca desses profissionais e do seu cotidiano laboral.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, I. L.; ADERALDO, C. V. L.; LIMA, A. C. Aspectos críticos do teletrabalho em uma companhia multinacional. **Cadernos EBAPE BR**, v. 15, n. spe, p. 511–533, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/rhyjxT5KWZgwQDDp4pqbdFN/abstract/?lang=pt>. Acesso em 02 fev. 2022.

BAPTISTA, M. *et al.* Burnout, estresse, depressão e suporte laboral em professores universitários. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 19, n. 1, p. 564–570, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572019000100008. Acesso em 04 set 2021.

BARSOTTI, P. D. Produtivismo acadêmico: essacegueirateráfim? **Educação & sociedade**, v. 32, n. 115, p. 587–590, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KdwghhrsK5z48tTqptzkwHd/?lang=pt>. Acesso em 24 out 2021.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611–614, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/#>. Acesso em 07 jul. 2021.

CARLOTTO, M. S. *et al.* Preditores da adição ao trabalho em trabalhadores que utilizam tecnologias de informação e comunicação. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, p. 377-387, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 02 ago. 2021.

COSTA, Á. DE C. AS INJUNÇÕES AOS DOCENTES NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: DE INTELLECTUAIS A TRABALHADORES POLIVALENTES. **Trabalho Educação e Saúde**, v. 14, n. suppl 1, p. 175–195, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/jsPHyJqLNNLwycQhxNPF6QD/abstract/?lang=pt>. Acesso em 24 out. 2021.

CHARCZUK, S. B. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educação e realidade**, v. 45, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/?lang=pt#>. Acesso em 04 set. 2021.

FACCI, M. G. D.; URT, S. DAC.; BARROS, A. T. F. Professor readaptado: a precarização do trabalho docente e o adoecimento. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 2, p. 281–290, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/Fp3LN9tv4Ym9QfpV8dfGyLS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 24 out. 2021.

FELTRIN, T.; LAMPER, B., N. Autoformação docente em tempos de pandemia: da (im)possibilidade da reinvenção sem cuidado de si. **Revista Educ@ção Científica**, v. 4, n. 8, p. 1017–1029, 2020. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo2950136-autoforma%C3%A7%C3%A3o-docente-em-tempos-de-pandemia-da-impossibilidade-da-reinven%C3%A7%C3%A3o-sem-cuidado-de-si. Acesso em 02 ago. 2021.

FIOR, C. A.; MARTINS, M. J. A docência universitária no contexto de pandemia e o ingresso no ensino superior. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 10, p. 1–20, 2020. DOI: 10.35699/2237-5864.2020.24742. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/24742>. Acesso em 18 jun. 2021.

GOMES, N. P. *et al.* Saúde mental de docentes universitários em tempos de covid-19. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/dnj4CRy6xHm3VMzsYy6QJ9c/>. Acesso em 02 fev. 2022.

GUSSO, H. L. *et al.* Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, v. 41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8yWPh7tSfp4rwtcs4YTxtr/?lang=pt>. Acesso em 17 jan. 2022.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

JACKSON, J. M.; ALGRANTI, E. Desafios e paradoxos do retorno ao trabalho no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 45, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rbso/a/VQJYf5Bbfpv4sTRDxjHb78C/?lang=pt#:~:text=2317%2D6369ED0000220%20copiar-,Desafios%20e%20paradoxos%20do%20retorno%20ao%20trabalho,da%20pandemia%20de%20COVID%2D19&text=1\)%20A%20vigil%C3%A2ncia%20deve%20ser,e%20rastrear%20todos%20os%20contatos](https://www.scielo.br/j/rbso/a/VQJYf5Bbfpv4sTRDxjHb78C/?lang=pt#:~:text=2317%2D6369ED0000220%20copiar-,Desafios%20e%20paradoxos%20do%20retorno%20ao%20trabalho,da%20pandemia%20de%20COVID%2D19&text=1)%20A%20vigil%C3%A2ncia%20deve%20ser,e%20rastrear%20todos%20os%20contatos). Acesso em 18 jun. 2021.

LEMOS, A. H. D. A. C.; BARBOSA, A. D. E. O.; MONZATO, P. P. Mulheres em home office durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **RAE**, v. 60, n. 6, p. 388–399, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9WS6pYzLdhWY6qWwDXTKTsN/?lang=pt>. Acesso em 24 out. 2021.

LOCATELLI, C. Os professores no ensino superior brasileiro: transformações do trabalho docente na última década. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, n. 248, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/DR6H3jJ5qZvGJF4dTLrpWzh/abstract/?lang=pt>. Disponível em 04 dez. 2021.

SANTOS, G. M. R. F. DOS; SILVA, M. E. DA; BELMONTE, B. DO R. COVID-19: emergency remote teaching and university professors' mental health. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, n. suppl 1, p. 237–243, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/b3TVbVHcCZRxkVZPFPK6PHF/?lang=pt>. Acesso em 17 jun. 2021.

SILVA, A. F. D. A. *et al.* Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Physis (Rio de Janeiro, Brazil)**, v. 30, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/yx7V4TkBTMGZdthMQmyQy7R/?lang=pt>. Acesso em 04 dez. 2021.

SILVA, S. M. F.; OLIVEIRA, Á. DE F. Burnout em professores universitários do ensino particular. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/T7jDvSM96f5V6tRqgbJZZTk/?lang=pt>. Acesso em 17 jun. 2021.

SILVEIRA, A. P.; PICCIRILLI, G. M. R.; OLIVEIRA, M. E. DE. Os desafios da educação à distância e o ensino remoto emergencial em meio a pandemia da covid-19. **Revista Eletrônica da Educação**, v. 3, n. 1, p. 114–127, 2020. Disponível em: http://revista.fundacaojau.edu.br:8078/journal/index.php/revista_educacao/article/view/224. Acesso em 24 out. 2021.

SOUZA, K. R. DE *et al.* Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho Educação e Saúde**, v. 19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/RrndqvwL8b6YSrx6rT5PyFw>. Acesso em 02 fev. 2022.

Data da submissão: 11/09/2022

Data da aprovação: 28/08/2023